

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 36

2019

Nº 224

JANEIRO - FEVEREIRO

Não aderimos ao novo acordo ortográfico

Proriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
	Editorial	2
	Palavras de Kardec	4
	Alerta ao Movimento Espírita	6
	As mulheres do período apost.	9
	O sonho do Infante (Poema)	15
	A Atlântida (conclusão)	17
	Nomes do Passado...	21
	Testamento Vital	23
	Oração de Gandhi	27
	Que vai ser de nós...	28

Rua das Pedralvas, nº. 1-A
1500-487 Lisboa
Telefone : 217 647 441

*

Director Responsável :
Manuela Vasconcelos

*

Distribuição Gratuita

*

EDITORIAL

Aqui estamos de novo, para dizer que vamos recomeçar... não nos termos anteriores, porque deixámos de estar registados, porquanto não podíamos continuar a suportar a despesa a que nos obrigavam, de há uns anos para cá, apenas para circularmos com a indicação de um número de registo na Comunicação Social. É triste, mas é verdade! Então, embora dizendo sempre o mesmo e pugnando pela pureza da Doutrina Espírita, seremos diferentes mas iguais a nós mesmos, ao longo de todos estes anos, somados desde o nº. 1, em Julho de 1981, dando-nos a avançada idade de 38 anos. Se fossemos mensais, este exemplar seria o nº. 456, em vez de 224... mas somos humildes, pequeninos na nossa caminhada e contentamo-nos em ser apenas o nº. 224, procurando manter a assiduidade do passado.

Explicada, assim, a nossa atitude e presença, vamos, então, agora falar do mais importante: a nossa nova morada.

Já alguém tentou mudar-se, quase que de improviso, para uma nova casa, quando essa mesma casa precisa de grandes obras para lá podermos viver? Se a resposta for negativa, fazemos votos para que tal nunca aconteça; se for positiva, desejamos, sinceramente, que a ajuda Divina vos tenha dado as forças necessárias, como a nós nos deu, para estarmos presentes, dia após dia, durante dois meses e meio – quase três! – a apoiar, verificar e incentivar a que se fizesse tudo o que teve de ser feito!

Basta dizer que a instalação eléctrica teve de ser toda refeita, de tal modo a fomos encontrar... Mas pronto, já passou! E temos uma nova Casa, com muito mais luz natural, e com muitos

menos degraus para cada um descer e subir, de cada vez que ali vá, já que de 25 passaram apenas para 11 – menos de metade!

Passámos, também, a ter a possibilidade de, na sala de entrada – rez-do-chão – aqueles que não possam descer os 11 degraus poderem assistir às reuniões doutrinárias comodamente instalados numa espécie de mirante, fechado, mas onde o som e a visibilidade do que se passa na Sala do Evangelho é total.

No geral, pensamos que a Casa está melhor e mais bem dividida, sem a necessidade das divisórias que tivemos de instalar na anterior. Aliás, quem puder e quiser consultar o nosso site (comunhaolisboa.com) terá oportunidade de ver as fotos que propagamos das nossas novas e actuais instalações. Ao fim de 16 anos numa sub-cave, sentimo-nos felizes por podermos dar para todos a luminosidade de que usufruímos agora. Só que tudo tem um preço e este, para nós, tornou-se demasiado alto: somos um Centro materialmente pobre e, para além de todos os donativos que nos deram para auxílio do que havia a fazer, tivemos ainda de pedir um empréstimo de seis mil euros, gastos até ao último cêntimo! Seis mil euros que temos de começar a pagar já a partir do fim deste mês: precisamos da vossa ajuda para o podermos fazer. E o nosso apelo fica aqui, agora, e será repetido as vezes que sejam necessárias até ao pagamento total da dívida.

A Casa não tem luxos nem móveis novos: aproveitámos os que tínhamos e ainda pusemos alguns de parte, por desnecessários.

Conforme costumamos dizer, a Casa é de todos: todos dela beneficiam, todos os que a frequentam e ali são acarinhados – para além do esclarecimento que lhes é dado, nas palestras que escutam - vão aprendendo sempre um bocadinho mais, o que ajuda uns e outros a lutarem pela sua reforma íntima. Então, colaborarem pelo

bem estar da Casa, é – DEVE SER – tarefa de todos também, e com todos contamos.

Durante o último mês de obras entrámos no novo ano civil: não o podendo ter feito ainda, aqui deixamos agora os nossos votos de que ele possa ser para cada, um ano com saúde, paz e, principalmente, com muito Amor: que a bênção divina nunca falte a ninguém e todos tenham, sempre, a preocupação de viverem de acordo com a Lei do Senhor. Assim sendo, todos terão paz nos seus corações – essa mesma Paz que aqui lhes desejamos.

A DIRECÇÃO

*

RECORDANDO ALLAN KARDEC

GOLPE DE VISTA RETROSPECTIVO

(...)

É evidente para todos e da própria confissão dos nossos adversários, que as ideias espíritas ganharam terreno consideravelmente, como o constata o autor da obra a que nos referimos adiante (*O Espiritismo diante da História e da Igreja, pelo abade Poussin, Professor do Seminário de Nice*). Elas se infiltram por uma porção de brechas; tudo concorre para isto. As coisas que, à primeira vista, a elas pareciam mais estranhas, são meios com a ajuda dos quais essas ideias vêm à luz. É que o Espiritismo toca em tão grande número de questões, que é muito difícil abordar o que quer que seja sem ver aí surgir um

pensamento espírita, de tal sorte que, mesmo nos meios refractários, essas ideias eclodem sob uma ou outra forma, como essas plantas multicores, que crescem por entre as pedras. E como esses meios geralmente repelem o Espiritismo, por espírito de prevenção, sem saberem o que ele diz, não é surpreendente que, quando pensamentos espíritas aí aparecem, não os reconheçam; mas os aclamam, porque os acham bons, sem suspeitarem que é Espiritismo.

A literatura contemporânea, grande ou pequena, séria ou leviana, semeia essas ideias em profusão; é por elas embelezada e não lhe falta senão o nome. Se se reunissem todos os pensamentos que correm o mundo, constituir-se-ia o Espiritismo completo. Ora, aó está um facto considerável, um dos mais característicos do ano que acaba de findar. Isso prova que cada um tem em si alguns elementos no estado de intuição, e que entre os seus antagonistas e ele não há, na maioria das vezes, senão uma questão de palavras. Os que o repelem com perfeito conhecimento de causa são os que têm interesse em o combater.

Mas então, que fazer para torná-lo conhecido, a fim de triunfar dessas prevenções? Isto é obra do tempo. ÉR preciso que as circunstâncias para aí levem naturalmente, e para isso pode-se contar com os Espíritos, que sabem fazê-las em tempo oportuno. Essas circunstâncias são particulares ou gerais; as primeiras agem sobre os indivíduos e as outras sobre as massas. As últimas, por sua repercussão, fazem o efeito de minas que, a cada explosão, arrancam alguns fragmentos de rocha.

Que cada espírita trabalhe de seu lado, sem se deixar desanimar com a pouca importância do resultado obtido individualmente, e pense que, graças ao acúmulo de grãos de areia, se forma uma montanha.

Entre os factos materiais que assinalaram este ano, as curas do zuavo Jacob ocupam o primeiro lugar; tiveram uma repercussão que todos conhecem e, embora o Espiritismo aí só tenha figurado casualmente, a atenção geral não deixou de ser vivamente atraída para um fenómeno dos mais graves, e que a ele se liga de maneira directa. Esses factos, produzindo-se em condições vulgares, sem aparato místico, não por um só indivíduo mas por diversos, por isso mesmo perderam o carácter miraculoso que, até então, lhes haviam atribuído. Como tantos outros, entraram no domínio dos fenómenos naturais. Entre os que os rejeitam como milagres, muitos se tornaram menos absolutos na negação do facto e admitiram a sua possibilidade como resultado de uma lei desconhecida da Natureza. Era o primeiro passo numa via fecunda em consequências, e mais de um céptico ficou abalado. Certamente nem todos ficaram convencidos, mas a coisa deu muito que falar, daí resultando, em grande número, profunda impressão, que fez reflectir mais do que se pensa. São sementes que, se não dão uma colheita abundante, imediata, não estão perdidas para o futuro.

(Continua no próximo número).

(In REVISTA ESPÍRITA, Janeiro de 1868, 1º. Capítulo, ed. FEB/FEP-2018).

*

A CELESTE PERCURSORA DA CARIDADE

O egoísmo e o altruísmo jamais podem ocupar o mesmo lugar no espaço

“(...) Qual, pois, destes três te parece que foi o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?” – JESUS. (Lc., 10:36).

Fiz parte da exemplificação e didáctica de Jesus; estive presente no coração do Samaritano que auxiliou a vítima dos salteadores da estrada Jerusalém-Jericó; minha presença também se fez notar no coração maternal da ex-obsidiada de Magdala e do severo Tapeceiro Tarcense que se transformaram em Cartas Vivas do Cristo; fiz-me presente na alma do doce “*Poverello*” de Assis e de tantos outros anónimos cujos nomes a História não registou, mas que estão inscritos na Contabilidade Divina; sou a porta que se abre na direcção dos Anjos do Senhor; tenho, às vezes, um sabor agridoce, visto que germino sempre ao lado dos sofredores, mas sou, na prática, a testemunha viva e insofismável dos ensinamentos do Meigo Rabi; sou o sentimento multifacetado que toda criatura necessita acoroçoar no imo d’Alma, a fim de conquistar a própria paz; sou o sentimento mais apropriado a fazer que a humanidade progrida; estímulo todos os bons sentimentos; nunca me aproximo dos distúrbios e aborrecimentos, e todo gesto estóico que salva preciosas vidas, nasce de minhas entranhas...

Antes que chegue minha irmã Caridade, já me encontro no proscênio da necessidade como sua precursora, pois sei descobrir e auxiliar em todo festival de angústias no palco desolador das dores humanas; sou a virtude que mais aproxima o homem da angelitude, sou a mais lídima expressão de vero amor...

O Espírito Miguel afirma¹ que sou “ (...) *o sentimento mais apropriado a fazer que progridam os homens, dominando-lhes o egoísmo e o orgulho; sentimento este que dispõe a alma humana à humildade, à beneficência e ao amor ao próximo; o responsável por comover desde a intimidade até às fúmbrias das criaturas quando estas se deparam com os sofrimentos dos filhos do Calvário; a força que as impele a dar-lhes mãos socorredoras e lhes arranca lágrimas de simpatia...*”

Jamais posso compartilhar o mesmo espaço com o egoísmo e tão pouco com a indiferença da consciência ancilosada!... Foi utilizando meus abençoados recursos que Jesus descerrou os véus que encobriam os mistérios ocultos e tristes da morte, descortinando os painéis da Eternidade sem fim... Agasalhem-me no coração e deixem-se levar pelos suaves influxos de minha dilecta irmã, a Caridade, e retribuerei com paz, harmonia, serenidade e amor, pois me chamo PIEDADE!...

1 – KARDEC, Allan : *O Evangelho Seg. o Espiritismo*, 129 ed. Rio (de Janeiro): FEB, 2009, cap. XIII, item 17.

ROGÉRIO COELHO
(Manhuaçu – M. Gerais – Brasil)

CANÇÃO DA PRIMAVERA

Eu, dar flor, já não dou. Mas vós, ó flores,
 Pois que Maio chegou,
 Revesti-o de clâmides de cores!
 Que eu, dar flor, já não dou.
Eu, cantar, já não canto. Mas vós, aves,
 Acordai desse azul, calado há tanto,
 As infinitas naves!
 Que eu, cantar, já não canto.
Eu, invernos e Outonos recalçados
Regelaram meu ser neste arrepio...
Aquece tu, ó sol, jardins e prados!
 Que eu, é de mim o frio.
Eu, Maio, já não tenho. Mas tu, Maio,
 Vem com tua paixão,
 Prostrar a terra em cálido desmaio!
 Que eu, ter Maio, já não.
Que eu, dar flor, já não dou; cantar, não canto;
Ter sol, não tenho; e amar...
 Mas, se não amo,
Como é que, Maio em flor, te chamo tanto,
E não por mim assim te chamo?

JOSÉ RÉGIO

(In: CÂNTICO NEGRO, da 1ª ed. do livro O Filho do Homem, Cancioneiro de João Bernsaúde).

O HOMEM ANTE A VIDA

No crepúsculo da civilização em que rumamos para a alvorada de novos milénios, o homem que amadureceu o raciocínio supera as fronteiras da inteligência comum e acorda, dentro de si mesmo, com interrogativas que lhe incendeiam o coração.

Quem somos?

Donde viemos?

Onde a estação dos nossos destinos?

À margem da senda em que jornadaei, surgem os escuros estilhaços dos ídolos mentirosos que adorou e, enquanto sensações de cansaço lhe assomam à alma enfermiça, o anseio da vida superior agita-lhe os recessos do ser, qual braseiro vivo do ideal, sob a espessa camada de cinzas do desencanto.

Recorre à sabedoria e examina o microcosmo em que sonha.

Reconhece a estreiteza do círculo em que respira.

Observa as dimensões diminutas do Lar Cósmico em que se desenvolve.

Descobre que o Sol, sustentáculo de sua apagada residência planetária, tem um volume de 1.300.000 vezes maior que o dela.

Aprende que a Lua, insignificante satélite do seu domicílio, dista mais de 380.000 quilómetros do mundo que lhe serve de berço.

Os Planetas vizinhos evolucionam muito longe, no espaço imenso. Dentre eles destaca-se Marte, distante de nós cerca de 56.000.000 de quilómetros na época de sua maior aproximação.

Alongando as perquirições, além do nosso sol, analisa outros centros de vida.

Sírius, ofusca-lhe a grandeza.

Pólux, a imponente estrela dos Gémea, eclipsa-o em majestade.

Capela, é 5.800 vezes maior.

Antares, apresenta volume superior.

Canópus tem um brilho oitenta vezes superior ao sol.

Deslumbrado, apercebe-se de que não existe vácuo, de que a vida é património da gota de água, tanto quanto a essência dos incomensuráveis sistemas siderais, e, assombrado ante o esplendor do Universo, o Homem que empreende a laboriosa tarefa do descobrimento de si mesmo, volta-se para o chão a que se imanta e pede ao amor que responda à soberania cósmica, dentro da mesma nota de grandeza, todavia, o amor no ambiente em que ele vive é ainda qual milagrosa flor em tenro desabrochar.

Confinado ao reduzido agrupamento consanguíneo a que se ajusta, ou compondo a equipe de interesses passageiros a que provisoriamente se enquadra, sofre a inquietação do ciúme, da cobiça, do egoísmo, da dor.

Não sabe dar sem receber, não consegue ajudar sem reclamar e, criando o choque da exigência para os outros, recolhe dos outros os choques sempre renovados da incompreensão e da discórdia, com raras possibilidades de auxiliar e auxiliar-se.

Viu a Majestade Divina nos Céus e identifica em si mesmo a pobreza infinita da Terra.

Tem o cérebro inflamado de glória e o coração invadido de sombra. Orgulha-se, ante os espectáculos magníficos do Alto e padece a miséria de baixo.

Deseja comunicar aos outros quanto apreendeu e sentiu na contemplação da vida ilimitada, mas não encontra ouvidos que o entendam.

Repara que o Amor, na Terra, é ainda a alegria dos oásis fechados.

E partindo os elos que o prendem à estreita família do mundo, o homem que desperta para a grandeza da Criação, deambula na Terra à maneira do viajante incompreendido e desajustado, peregrino sem pátria e sem lar, a sentir-se grão infinitesimal de poeira nos Domínios Celestiais.

Nesse Homem, porém, alarga-se a acústica da alma e, embora os sofrimentos que o afligem, é sobre ele que as

Inteligências Superiores estão edificando os fundamentos espirituais da Nova Humanidade.

EMMANUEL

(In: ROTEIRO, Lição n.º. 1, pág. 11. Psicografia de Francisco Cândido Xavier. Este texto foi-nos enviado pelo Irmão Gerson Sestini, do Rio de Janeiro, Brasil, a quem agradecemos a atenção).

*

CÂNTICO DA DOR E DO PERDÃO

No silêncio da noite imensa, eu escuto o cântico da minha alma: um cântico que vem de muito longe e traz consigo o sabor do infinito.

As coisas dormem e a voz canta.

Estou desperto e escuto; parece que a noite escuta comigo.

O mistério que está em mim é o mistério das coisas: dois infinitos olham-se, sentem-se e compreendem-se.

Lá em baixo, despertam-se as sombras de todos os seres; das profundezas, estendem-me os braços.

“Não temas a dor, não temas a morte, a vida é um hino que jamais tem fim.”

Observo-os e perdoo à sarça a inocente ferocidade de seus espinhos; à fera, sua garra; à dor, sua investida; ao destino, seu assédio; ao Homem, sua ofensa inconsciente.

Perdoa e ama, diz o meu cântico.

E eis que ele apresenta uma estranha magia: todos os seres me olham fascinados e caem o espinho, a garra, a ofensa.

E devagar, devagar, ignaros e cheios de espanto, a magia os vence e comigo, lentamente, recomeçam o cântico, a harmonia se dilata, difundem-se e ressoa em todo o Criado!

Sobre cada espinho nasceu uma rosa; sobre cada dor uma alegria; sobre cada ofensa uma carícia de perdão.

Abro meus braços ao infinito e falanges de seres me estendem seus braços.

“Canta, canta” – falam-me. “Cantor do infinito, nós te escutamos. O teu cântico é a grande Lei, é a grande festa da Vida. O teu cântico é a luz da qual o ódio e a dor fogem. Canta, canta, cantor do Infinito!”

E eu canto. Meu corpo está cansado e eu canto; meu corpo sofre e eu canto; meu corpo morre... e eu canto.

(Recebemos este texto, sem indicação do nome do autor. Pela beleza do mesmo, resolvemos publicá-lo assim mesmo, embora ele nos lembre Khalil Gilbran e também Rabindranath Tagore.

Será algum dos dois?... Se alguém o souber e quiser fazer o favor de nos elucidar, agradecemos...

*

A CIÊNCIA NÃO EXCLUI DEUS

Nas páginas amarelas da revista ‘Veja’, do dia 24 de Janeiro de 2007, edição de 1992, a jornalista Gabriela Carelli faz uma interessante entrevista a um dos mais importantes cientistas da actualidade, Francis Collins, o biólogo que desvendou o gnoma humano, ou seja, a constituição genética do homem, através do mapeamento do DNA, que é o elemento celular que informa o código da vida.

Francis Collins diz-se cristão, crente em Deus e expõe sua convicção através do livro ‘A linguagem de Deus’, publicado nos Estados Unidos em 2006, e com lançamento previsto no Brasil para Março deste ano (2007).

Collins representa um grupo de cientistas que, ante a grandeza, a lógica e a racionalidade das descobertas que fazem e dos estudos em que se aprofundam, não se furta em admitir que “uma força transcendental, inteligente, que pode ser identificada como Deus, exerce um comando efectivo do universo”. Ele vê-se contestado por opositores respeitados no mundo científico, como o biólogo inglês Richard Dawkins, darwinista que criou a Teoria dos Memes, e que em seu livro ‘The God Delusion’ (A ilusão de Deus), procura desmistificar e negar a ideia do Deus criador.

Outro oponente de Collins é o filósofo americano Daniel Dennet, que classifica a religião como um parasita que comanda as pessoas e precisa ser investigado.

Collins, mais pragmático e consciente, acha que é possível aceitar as teorias de Darwin (aceitando o evolucionismo) e, ao mesmo tempo, manter a fé religiosa (aceitando Deus como criador de todas as coisas, inclusive da mecânica evolucionista). Ele emite conceitos interessantes, quando diz que os cientistas ateus têm uma visão empobrecida sobre perguntas que as pessoas fazem todos os dias: “*O que acontece depois da morte?*” ou “*Qual o motivo de eu estar aqui?*”

O biólogo discorda que a vida seja um simples episódio da natureza, sem um sentido maior, enfatizando que o lado filosófico da fé é uma das facetas mais importantes da religião.

Collins é corajoso quando explica que “precisamos da ciência para entender o mundo e melhorar as condições humanas, mas ela deve permanecer em silêncio nos assuntos espirituais.”

Considera Dawkins presunçoso por ele achar que não precisamos de Deus e completa que em vez de blasfemar, o inglês deveria trabalhar para elucidar os mistérios que ainda existem, pois acredita que é dever de todos os cientistas, inclusive os que têm fé, procurar explicações racionais para tudo o que existe.

Francis Collins é enfático quando cita Madre Teresa de Calcutá como um exemplo de coisas maravilhosas feitas em nome da religião, concluindo que a religião é um veículo da fé – essa sim, fundamental para todos os homens. É um pensamento ecumênico que ultrapassa os limites específicos desta ou daquela

crença e se funde na convergência religiosa que foi profetizada por Jesus, quando estabeleceu que haveria um só rebanho para um só pastor (João, 10:16).

Sobre ética e moral, o cientista americano diz que “temos que respeitar as religiões, no que diz respeito aos avanços científicos. Mas interromper pesquisas ou impedir que uma pessoa com uma doença terrível tenha uma vida melhor só porque a religião não aceita determinado tratamento, são atitudes antiéticas”; ou, ainda, quando enfatiza, com muita propriedade, que “nada na teoria da evolução pode explicar a noção do certo e errado, a moral parece ser exclusiva da espécie humana.”

A entrevistadora, maliciosamente, pergunta-lhe sobre a acusação dos geneticistas brincarem de Deus e ele responde de forma definitiva: “Se todos brincássemos de Deus como Deus gostaria, com esperança e amor, ninguém se abateria muito com comentários desse género.”

Finalmente, quando é perguntado se acredita que Deus ouve suas preces e as atende, chega a emocionar quando diz: “Não acredito que rezar seja um caminho para manipular as intenções de Deus. Rezar é uma forma de entrarmos em contacto com Ele. Nesse processo, aprendemos coisas sobre nós mesmos e sobre nossas motivações.

A Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec, mostra diversos pontos tangenciais com aqueles pensados por cientistas não ateus.

Em “A Génese”, o Codificador oferece magistral ensino no capítulo I – “Carácter da revelação espírita” -, quando ao referir-se a Deus afirma: “As descobertas da Ciência, longe de rebaixá-

lo, glorificam a Deus. Elas somente destroem o que os homens construíram sobre as ideias falsas que não feito de Deus.”

Numa definitiva demonstração de carácter do Espiritismo, Allan Kardec mostra a posição da Doutrina, no tempo e no espaço, ao dizer: “O Espiritismo, avançando com o progresso, jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrarem que está em erro acerca de um ponto, ele se modificará nesse ponto; se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.”

Pode-se, ainda, encontrar lição memorável na página psicografada por Divaldo Franco, ditada por Carlos Torres Pastorino, em 28 de Março de 2003, intitulada “Incerteza” e publicada no ‘Reformador’ de Julho do mesmo ano.

Pastorino nos diz: “Para que uma fé religiosa, por exemplo, possa apresentar a verdade e propor certezas, deve fundamentar-se na exposição filosófica dos seus conteúdos, nos métodos e resultados da investigação científica e na análise racional dos seus parâmetros. Fundamentar-se em conteúdos que avancem com o pensamento sem alterar as suas estruturas essenciais, constitui-lhe o recurso filosófico mais eficaz para enfrentar a razão na sucessão dos tempos, tornando-se uma *fé legítima*, conforme definiu Kardec.”

Terá o professor Collins lido Pastorino?

No livro “Evolução em dois Mundos”, André Luiz, através da psicografia de Chico Xavier e Waldo Vieira, oferece um estudo sério, à luz dos ensinamentos de Kardec, sobre as questões da evolução, sua lógica e sua amplitude; oferece, principalmente, as pistas importantes que um dia os homens aceitarão, unidos, na comunhão perfeita entre o conhecimento científico, que eleva e

dignifica o homem, e a religiosidade, que permitirá a esse homem digno a sua ascensão para Deus.

*

“Não te esqueças de que a vida é presença de Deus.” – Algo Mais. – Emmanuel.

ASSARUBY FRANCO DE MORAES

(In: SEI – Serviço Espírita de Informações, do Lar Fabiano de Cristo, Rio de Janeiro RJ – Brasil, nº. 2030, em 24/2/2007).

*

Fé inabalável é somente aquela capaz de encarar a razão, face a face, em qualquer época da Humanidade. ALLAN KARDEC

*

VERBOS CRISTÃOS

Esperar sem revolta

Sentir sem maldade.

Conhecer sem desprezar.

Cooperar sem desajustar.

Melhorar sem exigir.

Perseverar no melhor sem esmorecer.

Silenciar sem desajudar.

Servir sem escravizar-se.

Ensinar sem ferir.

Viver buscando a luz sem a aflicção do fim.

Progredir constantemente sem deixar de ser simples.

ANDRÉ LUIZ

(In: MEDITAÇÕES DIÁRIAS, psicografia de Chico Xavier, ed. IDE Editora, pg. 29/30).